



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA PLENA EM
HISTÓRIA

OLIZIANE TRAJANO GUIMARÃES FERREIRA

CINECLUBE: A INSERÇÃO SOCIAL POR MEIO DA
INTERTEXTUALIDADE

GUARABIRA-PB

2016

OLIZIANE TRAJANO GUIMARÃES FERREIRA

**CINECLUBE: A INSERÇÃO SOCIAL POR MEIO DA
INTERTEXTUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação **Licenciatura Plena em
História** da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau de
Licenciada em História.

Orientadora: Professora Doutora Mariângela
Vasconcellos Nunes.

GUARABIRA-PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

F383c Ferreira, Oliziane Trajano Guimarães

Cineclube: a inserção social por meio da
intertextualidade / Oliziane Trajano Guimarães Ferreira. –
Guarabira: UEPB, 2016.

21 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
– Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Ma. Mariângela Vasconcellos Nunes.”

1. Linguagem Fílmica. 2. Linguagem Cinematográfica 3.
Intertextualidade. I. Título.

22.ed. CDD 791.43

**CINECLUBE: A INSERÇÃO SOCIAL POR MEIO DA
INTERTEXTUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação **Licenciatura Plena em
História** da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau de
Licenciada em História.

Aprovado em 24 / Maio / 2016.

Mariângela Vasconcelos Nunes

Professora Doutora Mariângela Vasconcelos Nunes / UEPB

Orientadora

Waldeci Ferreira Chagas

Professor Doutor Waldeci Ferreira Chagas / UEPB

Examinador

Edna Maria Nóbrega Araújo

Professora Doutora Edna Maria Nóbrega Araújo / UEPB

Examinador

SUMÁRIO

RESUMO	5
1. INTRODUÇÃO	6
Uma breve história do Cinema.....	6
2. CINEMA, JUVENTUDE E EDUCAÇÃO.....	10
3. EXPERIÊNCIAS DO CINECLUBE: A ESCOLA COMO PONTO DE ENCONTRO E DE INSERÇÃO SOCIAL	12
4. CONCLUSÃO	17
5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18
ANEXOS	19

CINECLUBE: A INSERÇÃO SOCIAL POR MEIO DA INTERTEXTUALIDADE

Oliziane Trajano Guimarães Ferreira (História/UEPB)

Orientadora: Professora Doutora Mariângela Vasconcelos Nunes

RESUMO:

Este trabalho relata as experiências vivenciadas durante a execução do projeto de extensão “Cineclube na Escola” realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo, localizada na cidade de Guarabira-PB, teve como objetivo através do uso da linguagem cinematográfica, estabelecer um espaço diferenciado na escola, pautado na intenção de “curtir um filme” e depois, a partir dos temas discutidos, contar e conversar sobre experiências vividas e ouvidas, com o grupo de espectadores constituído, sobretudo, por estudantes da referida escola. Com base nas conversas, abrimos a possibilidade de falar, ouvi-los e trocar experiências de forma espontânea.

Palavras-chaves: Cineclube na escola, linguagem fílmica, diálogo, estudante.

1 - INTRODUÇÃO

O projeto-programa de extensão “Cineclube na escola” iniciou suas atividades em setembro de 2014, sendo coordenado pela Dra. Marisa Tayra e o Dr. Flávio Carreiro, professores do departamento do curso de História (CH). Tal atividade ocorreu na escola Monsenhor Emiliano de Cristo, que está localizada, em Guarabira-PB. Orientando-se especificamente para turmas de 9º ao 3º ano do ensino médio (turno tarde). Esta atividade de extensão ocorrera durante os trabalhos realizados na disciplina Estágio Supervisionado III, que, a época fazia parte da grade curricular do 7 semestre do Curso de História.

Uma breve história do Cinema

Antes de estabelecer um diálogo entre diversos autores que tem o cinema como objeto de estudo é necessário compreender o surgimento do cinema em 28 de dezembro de 1895, no salão Indiano do Gran Café, no n.14 Boulevard des Capucines, em Paris. Nesta ocasião 33 espectadores assistiram, pasmos, as primeiras projeções de filmes feitos pelos seus inventores do os irmãos Lumière.

Estes filmes tinham cerca de 50 segundos cada um e retratavam cenas do cotidiano da cidade. A imprensa, convidada não compareceu, mas o boca a boca espalhou a novidade e nos dias seguintes mais de duas mil pessoas ficavam, á porta do salão, aguardando a chance de ver aquelas curiosas fotografias animadas.

A exposição desta arte foi um sucesso demarcando o nascimento do cinema(Duarte,2002). Entretanto alguns estudiosos do tema como Fernando Mascarello, atribui também a descoberta do cinema a Thomas A. Edison, “Não existiu um único descobridor do cinema, e os aparatos que a invenção envolve

não surgiram repentinamente num só lugar” (MASCARELLO, pag. 18. 2006). Isto é em Paris, com as primeiras exibições de filmes, em 1893.

Quanto ao cineclubismo, este surge por volta dos anos 20, do século XX, na França. Aqui no Brasil esta prática vai começar a ganhar notoriedade a partir de 1929 com o cineclubes Chaplin Club na cidade do Rio de Janeiro. Neste momento, este conceito estava ganhando bastante prestígio dentre as outras linguagens, como o teatro, o rádio e o jornal que já ganhavam grandes expressões no meio artístico e também entre os intelectuais da época.

Os cineclubes se caracterizam pela exibição de filmes e o debate destes. Sobre isto Rebello (2013, p. 8) diz que:

É importante falar que “Os cineclubes não necessitam de local específico, podendo se referir a qualquer lugar em que a exibição de um filme possa propiciar um encontro social e, subsequentemente, um debate” [...] sobre as mais diversas questões que permeiam a nossa sociedade contemporânea.

Segundo a autora Duarte “Os cineclubes foram, naquele contexto, uma instância importante de socialização e de formação de público, [...], pois ainda não havia escolas de cinema”. (DUARTE,2002, p.79)

Cerca de 30 ou 40 anos depois, entre 1960 e 1970, o movimento cineclubista era muito forte porque já tinha se espalhado pelos grandes centros urbanos do país, entre eles Salvador, Rio e São Paulo. Nestas cidades diversas entidades como associações, sindicatos, escolas e universidades foram responsáveis por promoverem a exibição de filmes.

A necessidade de usar o cinema como um instrumento de transformação social era impulsionado por estudantes e jovens desempenhando dessa forma um papel importante no cenário cultural e político brasileiro, especialmente durante a ditadura militar, porque atuava tanto no espaço democrático de debates políticos, quanto como centro de formação cultural, gerando opiniões e reflexões sobre o que o país estava vivendo naquele momento. Neste sentido, os cineclubes podem ser compreendido como uma resposta a esse momento de crise política quando o cinema

comercial havia se difundido ficando acessível a uma grande parcela da população.

De acordo com os autores Duarte, (2002) Fantin, (2006) e Fresquet (2007), entre outros [...] que articulam cinema e educação, compreende-se o cinema como bem cultural e social expressivo no processo de formação dos jovens. Para Dalethese, isto acontece por meio de um processo interdisciplinar nas escolas. Porque os cineclubes atuam:

[...] expressivamente como espaços para o exercício da cidadania, de formação coletiva de seus protagonistas, traduzidos nos momentos de debate, pesquisa e troca que valorizavam a pluralidade de olhares e saberes compartilhados, em detrimento da atmosfera autoritária e opressora que vivenciavam. Desse modo, as experiências cineclubistas se caracterizaram por práticas de reflexão, discussão e criação de sentidos configurando-se em experiências transformadoras da realidade e do papel de cada um frente a ela. (DALETHESE, 2013, p. 23)

A citação reafirma uma das características primordial sobre a trajetória dos cineclubes que tem a intenção de “[...] projetar e promover debates de filmes, desde as questões técnicas às suas respectivas temáticas, oferecendo subsídios para uma avaliação fílmica mais aprofundada, e, [...]” despertar o interesse pela produção cinematográfica entre os jovens (Precioso, Pereira, Santana, 2008, p. 3).

Observamos que esta linguagem fílmica entre outras como a TV, o cinema e a mídia trouxeram novos questionamentos sobre a relação dos jovens contemporâneos. De um modo geral, por exemplo, a forma de se relacionar com todas as suas possibilidades de divulgação e compartilhamento de dados, são responsáveis por transformações nos nossos modos de vida, hábitos e na maneira de pensar e de compreender os sujeitos, extrapolando a função de simples meio de comunicação. As experiências cineclubistas voltam-se para jovens independentemente da situação sócio econômico e cultural destes.

Ao falar de linguagem cinematografia Marcel Martim diz que:

Convertido em linguagem graças a uma *escrita* própria que se encarna em cada realizador sobre a forma de um *estilo*, o cinema tornou-se por isso mesmo um meio de comunicação, informação e propaganda, [...] (MARTIM, 2003, p.16).

As experiências cineclubistas voltam-se para jovens independentemente da situação sócio econômico e cultural destes. Cabe aqui, ressaltar que a mídia tem o poder de persuadir não só os jovens, mas tocar em desejos e emoções presentes nas pessoas, enfim em valores que vão sendo desconstruídos e reconstruídos, a partir do diálogo com os textos midiáticos.

Fischer afirma que “O cinema, assim como a literatura e outras artes, são formas de organizar o real e opera como uma das mediações entre nós e aquilo a que assistimos” (FISCHER, p, 47,2014). Porque o olhar do espectador, pode gerar uma nova forma de como conceber a mensagem fílmica.

Ao mesmo tempo os filmes educam, ensinam e moldam nossos valores e a nós mesmos. O consumo frequente de filmes, a participação em cineclubes também atua na formação de valores éticos e estéticos de perspectivas de mundo e gostos, assim sendo, portam uma faceta educacional.

A linguagem cinematográfica é também uma linguagem alternativa, para a sala de aula e pode ser usada para promover o diálogo com diversos conteúdos que a partir da intertextualidade, constrói a um processo de ensino e aprendizagem mais rico. O uso de várias linguagens é recomendado pelos PCN'S.

Então, esta forma de ensinar, usando filmes pode ser estimulante e pode fazer com que o aluno participe de forma ativa nesse processo de construção do saber, por que, o conhecimento não acontece de forma isolada pois, o aluno busca referências presentes no seu cotidiano, tão marcado por imagens extremamente sedutoras.

Portanto, podemos compreender que esta forma de ensinar usando o filme como linguagem promove entre os telespectadores a significação e a ressignificação de diversos conhecimentos, ao estimular e construir a desconstrução de pontos de vistas e ainda abrir espaços para outros discursos.

Entretanto, a linguagem cinematográfica é uma forma de comunicação e como qualquer outra está permeada por relações de poder e intenções. Por isto não pode ser usada para ilustrar ou para comprovar os episódios históricos.

2 – CINEMA, JUVENTUDE E EDUCAÇÃO.

Segundo DUARTE O homem do século XX, jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento [...] (ela) transformou a maneira como os seres humanos percebem a realidade (DUARTE, 2002 p.17). E dessa forma demarcou o seu espaço social.

Então, é importante observar que apesar da turbulência em que se encontra a sociedade brasileira a escola surge como um espaço social agregando diversas tribos, ou seja, jovens, independente da sua cor, crédulo religioso, e também orientação sexual. Neste espaço social em que se encontra a escola os jovens podem ampliar novos horizontes, por meio da interdisciplinaridade, e assim o filme e a sua inserção na sala de aula promover a criação de novos espaços e novos questionamentos para inúmeras reflexões.

É preciso compreender que o professor auxilia o aluno a construir o conhecimento e dessa forma podemos usar a narrativa de um filme para contextualizá-la e problematizá-la. “O professor precisa se apropriar do cinema como arte, para através dela trazer o desequilíbrio, criar um momento de perturbação, de tensão e não acomodação. (REBELLO, 2013 p 19) Isto significa dizer que não é apenas assistir um filme por apenas assistir temos que saber usar as competências que esta relacionadas a leitura, e a interpretação do texto cinematográfico, com suas linguagens próprias e de acordo com o tema a ser trabalhado em sala de aula. Isto é o filme deve ser visto, por nos professores de História como uma fonte permeada por interesse e valores de da época em que foi produzido.

De acordo com Duarte, Fantin, e Fresquet devemos fazer uma análise crítica de um determinado filme como forma de atividade em sala de aula para que não nos tornemos um sujeito passivo em meio as ideologias que são colocadas, algumas vezes de forma implícitas outras vezes de forma explícitas. Pois, nesta compreensão a escola não é a única instancia que produz conhecimento, assim, o cinema é também uma instancia educadora.

Há um consenso entre estudiosos da educação como Duarte (2002) e Fantin (2006) que o filme é uma pedagogia que atua no processo de formação dos sujeitos.

Assim como, a música, o teatro a dança entre outros o filme é um artefato que produz significados e educa, mesmo fora do âmbito formal de educação. Na escola cabe ao professor vê-lo também como fonte histórica, questionando-a como qualquer outro registro histórico.

[...] não são decalques ou ilustração para “acoplarmos” aos textos escritos nem, muito menos, um recurso que utilizamos quando não podemos ou não queremos dar aula. Narrativas fílmicas falam, descrevem, formam e informam” (DUARTE, 2002, p. 95)

É por meio da problematização e da indagação que podemos fazer com que o aluno possa refletir sobre os mais diversos temas independente de o filme ser uma obra de ficção científica ou uma obra baseado em fatos reais contemporâneos ou não.

Quando pensamos em cinema ou cineclube dentro de um espaço escolar é necessário que o professor tenha consciência de que estamos falando de um currículo educacional que vamos produzir o conhecimento, influenciar, experiências pessoais. Dessa forma, o professor construiu um espaço de tempo para várias reflexões do cotidiano. Porque é por meio dessas reflexões em que consiste a diversidade de pensamentos, e assim podemos nos apropriar do termo [...] “o cinema que “educa” é o cinema que faz pensar, [...]” As questões de ordem social, política e econômica. (XAVIER, 2008, p. 15). Para que possamos interagir. Acrescentaria ainda os aspectos de âmbito cultural e indenitários.

3 - EXPERIÊNCIAS DO CINECLUBE: A ESCOLA COMO PONTO DE ENCONTRO E DE INSERÇÃO SOCIAL.

O projeto-programa de extensão "Cineclube na Escola". Foi criado pela professora Dra. Marisa Tayra que o coordenou juntamente com o professor Dr. Flávio Carreiro. Tal projeto estava vinculado disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório III que, a época estava, sob orientação, do professor já mencionado. Esta atividade ocorrera na escola já citada. A proposta extensionista começou suas atividades durante o mês de maio de 2014, e procurava estimular atividades pedagógicas envolvendo os jovens discentes, integrando-os no cotidiano escolar por meio de atividades de reflexão e diálogo com os mesmos.

O projeto "Cineclube na escola"¹ acontecia semanalmente sempre as terças-feiras, e as apresentações iniciavam-se de 13h30min até 16h30min. A atividade contava com o uso dos equipamentos de Datashow e sistema surround disponíveis nas dependências da escola, e que integram a sala de vídeo aula.

Assim, "o projeto em apreço se justifica por encurtar muitas distancias, aquela entre o saber acadêmico e o espaço escolar, aquela entre os cursos formadores de professores e a realidade escolar, aquela estabelecida entre o professor(a) que sabe e o aluno da escola que apenas aprende. Enquanto atividade integradora, o projeto cineclube na escola pretendia reconhecer a diferença na própria experiência vivida, fomentando saberes pelo diálogo entre os profissionais de educação e a juventude escolar." (TAYRA,2014, Pág., 02)

Ainda de acordo com a proposta de extensão o objetivo "era contribui, através da linguagem filmica, com a reflexão e o diálogo de temas candentes

¹ Ocorreu com sucesso o mesmo trabalho desenvolvido no Centro de Humanidades – Campus III, durante os anos 2009 – 2010. Tratou-se da experiência extensionista ocorrida com o projeto "Cineclube Ponto Morto", e que contou com a coordenação da Dra. Marisa Tayra Teruya e do Dr. Fabricio Moraes. Como ocorrência semanal, os encontros se deram no auditório do Centro de Humanidades.

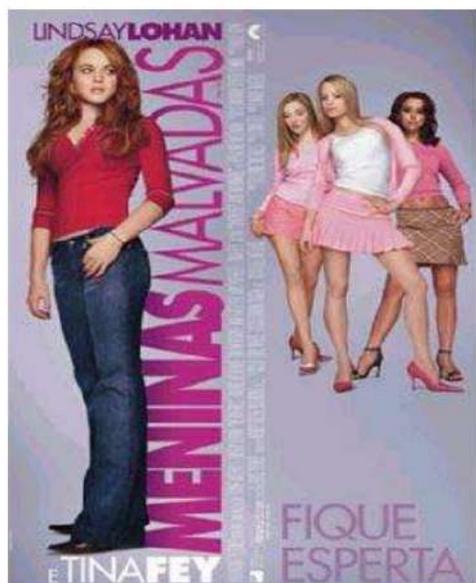
na atualidade, articular uma maior integração entre os jovens alunos(as) com a comunidade escolar, contribuindo para que esta seja vivida como lugar de aprendizado, problematizar temas, experiências e sensibilidades da juventude escolar.” (TAYRA,2014, p. 2). Cabia aos alunos estagiários escolher, discutir e problematizar o filme com os professores coordenadores e posteriormente acompanhados por eles, fazer a exibição do filme, com os alunos da escola e em seguida discuti-los com estes.

Antes de irmos para a instituição de ensino, tivemos aulas ministradas no campus III (UEPB), pelo professor Flávio Carreiro, que nos orientou sobre as condições físicas da escola em que iriam acontecer os estágios, sobre os alunos da referida escola.

Os temas eram escolhidos obedecendo à classificação de idade e considerando a faixa etária dos alunos de cada série onde iríamos fazer o estágio e logo a exibição fílmica.

A nossa turma da universidade era composta por 21 discentes e foi dividida em seis grupos, cada grupo era composto aproximadamente por quatro pessoas. Para cada grupo de oficinairos estava previsto quatro encontros, sendo dois pra observar o grupo de oficinairos enquanto operacionalizava a oficina e dois para o grupo observador executar propriamente as oficinas. Mas aconteceu apenas um encontro para cada atividade, devido a alguns imprevistos.

A minha equipe de estagio era formada, por quatro componentes ao todo. No dia 04-11-2014 fomos observar o grupo que estava fazendo a exibição do filme, “Meninas Malvadas”. Que falava de traição com faixa etária para jovens entre 12 e 16 anos de idade.



O filme aqui citado é uma comédia dirigida por Mark Waters, produzido em 2004, e que tem como personagens principais Lindsay Lohan, Rachel McAdams, Amanda Seyfried e Lacey Chabert. “Ele fala da história de Cady Heron (Lindsay Lohan) que é uma garota que cresceu na África e sempre estudou em casa, nunca tendo frequentado uma escola. Após retornar aos Estados Unidos com os pais zoológicos ela iniciou sua vida de estudante, se matriculando em uma escola pública”. Ao começar a ir à escola conheceu também o universo social dos jovens, que se dividia em grupos com características bastante definidas e, principalmente, com uma hierarquia muito rígida. Há os nerds, os estrangeiros, os negros, as gordas, os artistas, enfim comandando todos, as patricinhas mais populares entre os grupos. Estas falavam mal de tudo e todos e instituíram regras absurdas e competitividades exagerada entre as próprias integrantes. Porém a líder das patricinhas decidiu convidar Cady para fazer parte do seu grupo, já que Cady tinha outras amizades. Ela aceita na intenção de espioná-las, mas logo se torna uma delas. Cady irá sofrer para ver quem são seus verdadeiros amigos, no decorrer do filme os estereótipos são bem marcados, mostrando a peculiaridade e individualidade de cada grupo.

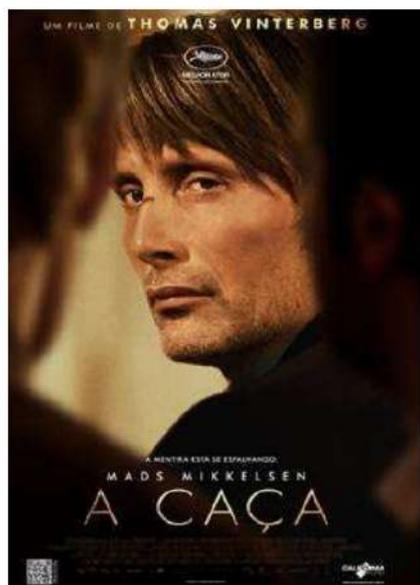
Cady é traída pelas amigas, ela também as traiu. E no final da projeção, depois de todas as maldades cometidas e sofridas pelas adolescentes, depois de todas as situações pelas quais Cady passa para chegar a conhecer a escola e o universo dos jovens marcados por diferentes tribos existentes, só cabe um pensamento: todos precisam saber conviver em sociedade, com todas as diferenças que existem, e no fim todos da escola tornam-se um grupo só, respeitando-se uns aos outros como eles são.

Observamos que o filme foi um sucesso na escola e na hora os alunos expressaram suas opiniões sobre o tema. Alguns falaram que não “aceitariam traições”, outros disseram que perdoaria, mas não esqueceria o ato e nem teria a mesma confiança de antes na mesma pessoa. Enfim, as respostas foram muitas e bem articuladas e os alunos expectadores falaram de experiências que viveram e a partir delas concluirão que uma traição pode vir de onde menos se espera. E assim com a ajuda do filme que falava de juventude os estudantes se sentiram estimulados a opinar.

Os alunos escolares elaboravam suas respostas a partir dos questionamentos humanos como amor, perdão e traição independente de qual seja o relacionamento se entre homem e mulher, entre amigos, ou entre pessoas do mesmo sexo.

Logo em seguida os alunos da escola que estavam presente na sessão decidiram o filme que seria exibido na semana seguinte. A grande maioria optou por um filme que falasse de “Perdão” para fazer um contra ponto em relação com a discursão que havia terminado de acontecer. Então o professor coordenador nos indicou o filme que tem por título “A caça”.

Fomos à escola citada pra fazer nossa apresentação no dia 11/11/2014 ao adentrarmos na sala de vídeo a minha equipe se apresentou individualmente, e também apresentamos o título do filme, o nome do diretor, os nomes dos atores e atrizes e, o ano de produção e a partir da exibição houve uma discussão a respeito do filme.



“A caça” é um filme de Thomas Vinterberg, do ano de 2012. Ao contrário do outro filme “Meninas malvadas”, este é um drama e tem por objetivo mostrar a história de Lucas, interpretado por Mads Mikkelsen que fez o papel de um professor do ensino infantil, e foi acusado injustamente por uma criança de ter mostrado as partes íntimas a ela. Devido a essa mentira o professor sofreu na pele o quanto a injustiça, muitas vezes, pode destruir a vida de um ser humano. No decorrer da história, Lucas perdeu o emprego, foi preso e ainda foi julgado por todos, os amigos, que passaram a vê-lo como sendo de fato um pedófilo.

Ainda, observamos quando o filme estava sendo exibido sentimento de revolta por parte de alguns alunos (as). Logo após abrimos o espaço para o diálogo entre eles (as) e assim o debate foi intenso e bastante participativo, o que mais nos chamou a atenção, foi da história do filme coincidir com a história de vida de uma das alunas que estava vendo o filme.

Em suas palavras a jovem relatou que o pai estava passando por aquela mesma situação, disse que ele estava sendo acusado de assédio sexual contra uma criança. Sem nem uma sombra de dúvidas foi um dos momentos mais relevantes do nosso debate, porque foi depoimento feito de uma forma bem espontânea.

No decorrer do debate outros questionamentos foram sendo colocados como, por exemplo, o preconceito. Eles disseram que: “às vezes você nem conhece aquela pessoa, mas por ela fazer parte da periferia ou porque tem tatuagens, já é julgado como sendo um mau caráter”. Percebemos que essas frases foram muito repetidas, porque abordavam situações do cotidiano, destes alunos (as). A ficção e a realidade se inter cruzavam a cada instante. Mas entre eles havia um consenso que devemos respeitar a liberdade de expressão.

4- CONCLUSÃO

Portanto, posso concluir que obtivemos um bom êxito de acordo com o que havíamos planejado desde o início porque conseguimos fazer com que os alunos(as) questionassem e refletissem sobre os mais diversos temas, e sentimentos que é peculiar a todo ser humano. Pois o perdão e o amor são sentimentos que podem ser experimentados por quase todos nós, e as pessoas têm que estar sempre com o coração aberto para poder desfrutar de novas experiências a cada momento a ser vivido e também compartilhado, perdoando e ainda demonstrando amor ao próximo.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALETHESE, Thamyres Ribeiro. **Cinema, narrativas e experiências: a formação atravessada pela prática cineclubista na universidade**. Rio de Janeiro, 2013.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola**. Brasília, 2006.

FRESQUET, Adriana Mabel. Cinema para aprender e desaprender. In: Adriana Fresquet. (Org.). **Imagens do desaprender: Uma experiência de aprender com cinema**. 1ed. Rio de Janeiro: Booklink/ UFRJ-LISE-CINEAD, 2007, v. 1, p. 21-70.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Cinema e Juventude: uma discussão sobre ética das imagens**. Porto Alegre, 2014.

MASCARELO, Fernando. **Org. História do Cinema Mundial / Campinas-SP: Papyrus, 2006. (Coleção Campo Imagético);**

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003

PEREIRA, Denizalde Jesiel Rodrigues. PRECIOSO, Adriana Lins. SANTANA, Anézio Martins. **Cinema, Diversão e Arte: O papel do cineclube zumbis**. Enquanto projeto de extensão universitário, 2008.

Portal CBF Filmes Online. Disponível em: <<http://cbffilmesonline.blogspot.com.br/2016/02/meninas-malvadas-dublado.html>>. Acesso em 2 de maio de 2016.

REBELLO, Selma Tavares. **Educação em tela: Limites e possibilidades da experiência do cineclube da faculdade de Educação/ UFRJ na formação de professores**. Rio de Janeiro, 2013.

ANEXOS



